

A sunset over a beach. The sun is low on the horizon, creating a bright orange and yellow glow that reflects on the water and sand. The sky transitions from a deep blue at the top to a lighter orange near the horizon. The title 'NO LIMIAR DA ILUSÃO' is written in a large, white, stylized font with a black outline, positioned in the upper half of the image.

NO LIMIAR  
DA ILUSÃO

FRANCYD DIAS

*No limiar da Ilusão*

NO  
LIMIAR  
DA  
ILUSÃO

*Francisco Dias*

*Franco Dias*

*No limiar da Ilusão*

# NO LIMIAR DA ILUSÃO

*Francisco Dias*

**Poesia**

**2ª edição - 2016**

**[www.perse.com.br](http://www.perse.com.br)**

*Franço Dias*

## Dedicatória

Ao meu pai Cândido Santos Dias e à minha  
mãe Deusa Feliciano Pereira Dias, pela  
formação que me deram como pessoa.

Ao meu irmão Tony Jack Pereira Dias ( in  
memoriam ) por ter sido o meu mais  
ardoroso fã e incentivador. Sigo te amando  
e transformando tua saudade em poesia.

*Franco Dias*

## Apresentação

Escrever poesia, para mim é derramar a alma na tinta da caneta, é deixar o coração pulsar juntos com cada batida da tecla, é sentir correr nas veias cada palavra escrita, é sentir a rima no peito e com lágrimas nos olhos, buscar os versos para descrever a tristeza de um amor desfeito ou com um largo sorriso nos lábios, exaltar a beleza de um amor que chega. Escrever poesia é sonhar acordado, um sonho que irá semear emoções em cada coração que for tocado pela singeleza da mesma.

Quando ainda adolescente, lá na minha terra natal, que eu morro de saudades, a bela cidade de Arari, no interior do Maranhão, onde eu cresci e escrevi os meus primeiros versos, sem nem ao menos saber realmente, o que eu queria dizer, eu



já sonhava e tinha certeza, eu queria ser alguém que vivenciasse as palavras. E no cair da noite eu sentava à beira do majestoso rio Mearim e no silêncio do pôr do sol, eu, em uma lírica introspecção chegava ao **LIMIAR DA ILUSÃO**.

Cada poesia deste livro é um pedacinho de minha alma, cada estrofe é permeada pelos meus diversos sentimentos e cada verso é uma emoção sentida, vivenciada. É nas minhas poesias onde eu posso gritar de forma implícita a saudades que sinto dos meus filhos: Ruryk, Rayrik, Adnelles e Danielly, saudades que eu levo comigo à espera de um abraço afetivo e caloroso.

O autor

## Índice

<i>Ser poeta.....</i>	<i>13</i>
<i>Minha essência.....</i>	<i>15</i>
<i>Círculo vicioso.....</i>	<i>16</i>
<i>Triste alento.....</i>	<i>18</i>
<i>O menino e a nuvem.....</i>	<i>20</i>
<i>Simplesmente Maria.....</i>	<i>22</i>
<i>Quando o silêncio ecoa.....</i>	<i>24</i>
<i>A outra cara da moeda.....</i>	<i>26</i>
<i>Hoje o destino não veio.....</i>	<i>27</i>
<i>Poesia da alma.....</i>	<i>29</i>
<i>Um sorriso apenas.....</i>	<i>30</i>
<i>O mar que eu sonhei.....</i>	<i>31</i>
<i>Difícil vida fácil.....</i>	<i>33</i>
<i>Autorretrato poético.....</i>	<i>35</i>
<i>Água e sal.....</i>	<i>36</i>
<i>O poeta e a realidade.....</i>	<i>37</i>
<i>Olhar em preto e branco.....</i>	<i>38</i>
<i>Ausência.....</i>	<i>39</i>

*Franco Dias*

<i>Poema feito de mágoa</i> .....	40
<i>Sou bem assim</i> .....	41
<i>Prato do dia</i> .....	42
<i>Retrato 3x4</i> .....	44
<i>Duplicidade</i> .....	45
<i>Primeiro amor</i> .....	48
<i>Pescador de ilusão</i> .....	50
<i>Escrita espelhada</i> .....	51
<i>Corpo em poesia</i> .....	53
<i>Um tempo em mim</i> .....	54
<i>Simple assim</i> .....	59
<i>Artigo de luxo</i> .....	61
<i>Poesia escrita na carne</i> .....	63
<i>Numa tarde... adeus</i> .....	65
<i>Semelhanças</i> .....	66
<i>Alma cansada</i> .....	67
<i>Se bem me quiser</i> .....	68
<i>Vida em versos</i> .....	69
<i>Mais que palavras</i> .....	70
<i>Um rosto na janela do tempo</i> .....	71
<i>Alma de cristal</i> .....	72
<i>Silhete de passagem</i> .....	73
<i>Ilusão de ótica</i> .....	74

*No limiar da i-Jusão*

<i>A chuva</i> .....	76
<i>Solitude</i> .....	79
<i>Era uma vez</i> .....	80
<i>Meu silêncio</i> .....	82
<i>Doce liberdade</i> .....	83
<i>Biografia</i> .....	86

*Franço Dias*

SER POETA

O poeta é um ser nostálgico e observador  
Que perscruta os méritos da vida  
Depois caminha léguas para contar  
Ao mundo, com palavras coloridas

O poeta chora porque gosta  
É um choro que faz bem  
Saboreia a solidão caminhando  
De mãos dadas com ninguém

Veste-se do amanhecer  
Desnuda a beleza da flor  
Povoa de gotas o corpo de sua musa  
Perde a hora esperando o amor

Na sua insanidade de cada dia  
Traz a nós os vossos medos  
Sejam feitas as vossas incertezas  
No arrebol dos seus degredos

O signo do poeta é utopia  
Com ascendência em jamais  
Faz das velas do barco quimeras  
Soluça quando seus pés tocam de volta o cais

*Francisco Dias*

Alimenta-se de letras e lembranças  
O poeta é de um mundo passional  
Morre e nasce ao dar à luz, cada verso  
Por isso ele é um ser imortal.

MINHA ESSÊNCIA

Eu amo como os loucos amam  
E sonho como os lúcidos sonham  
Quando absorto estou, absurdo sou  
Tamanha é a loucura  
Que nos sonhos dos lúcidos tem

Eu vejo como os cegos veem  
Pois creio cegamente, como os fiéis creem  
Quando enlevado estou  
Levado sou  
A fechar os olhos e ver o mundo através da fé

Eu quero o milagre que o desesperado quer  
A certeza perdida num lugar qualquer  
Se calado estou  
Alado sou  
A minha mente me leva onde quero chegar

Eu dou-me, como qualquer amante se dar  
Eu busco o que o malcontente quer encontrar  
Se insatisfeito estou  
Feito sou  
Frase de efeito refutando aos que reclamam.



## CÍRCULO VICIOSO

Malha o aço  
Com a viva  
Resistência  
Do teu tenaz braço  
Tempera o ferro  
Com a ativa  
Persistência  
Da química do teu erro  
Foge do mal  
E te esquiva  
Da ardência  
Da pena capital

Revolve a terra  
Com aquela  
Paciência  
Que vence uma guerra  
Fere o vento  
Com força, e vela  
A insolência  
Na face do desatento  
Esgarça o riso  
Naquela  
Incongruência  
Própria do impreciso

Colhe o fruto  
Da boa  
Inteligência  
Deixando o amor como tributo  
Abafa o grito  
Que ecoa  
Na impertinência  
Pois ele é proscrito  
Tolhe a asa  
Que errônea voa  
Na desobediência  
E volta para casa

Descansa embaixo  
Da sombra afável  
Da benevolência  
Comendo a fruta direto do cacho  
Bebe a dor  
Da fonte Intragável  
Da incoerência  
Enquanto fere de morte o amor  
Chora a vida  
O erro impagável  
A tua prepotência  
Será eterna a tua dívida.

TRISTE ALENTO

Pai, quando os meus pés  
Não mais levantarem poeira  
Neste árido chão  
E minha voz, não mais singrar o espaço  
A se perder no azul do céu  
Não me busque no horizonte  
Nem no burburinho da multidão  
Tampouco nas nuvens  
Que passam sobre sua cabeça

Encontre-me na luz derradeira  
De qualquer pôr do sol  
Ou no quedar silente, da vil solidão  
Mas, não murmure meu nome, assim à toa  
Nem diga que fui a melhor pessoa

Mas se minha ausência te doer  
Grite bem alto  
Aos quatro cantos do mundo  
Que meus olhos guardavam  
Todo um mar de pranto  
Tão doce e fugaz, leve e inocente  
Que de gota a gota, foi-se no vento

Pai, diga a qualquer transeunte  
Que minha boca era  
Uma caverna amarga

E os meus dentes, estalactites  
E estalagmites esculpidas  
Pela precisão do acaso

Diga tudo enfim  
Que ainda não foi dito  
Diga que o meu grito  
Era um eco fúnebre  
E que minha língua  
Era um dragão lúgubre  
Que flutuava nas brumas do absurdo

Diga pai  
Que meu estômago  
Era gaveta pública  
Para guardar fome  
E projetos políticos.

## O MENINO E A NUVEM

Um dia o menino saiu porta afora  
Correndo atrás de uma nuvem  
Ainda pequeno querendo ser grande  
Tão branquinha, fascinante,  
Deu-lhe o nome de sonho  
Desceu rua abaixo  
Rua que virou caminho  
Caminho que virou vereda  
Vereda que se tornou trilha  
Trilha em que ele se perdeu

Correu, subiu montes, serras e montanhas  
Atravessou rios e vales  
Fez amizade com o vento  
Tornou-se íntimo do tempo  
Conversou muito com o silêncio  
Não criou limo nem raiz  
É pedra que rolou despenhadeiro abaixo  
Mas onde plantou a planta dos seus pés  
Cultivou felicidades e amores  
Regados com gotas de suor

Ainda é aquele menino andejo  
Com cabelos brancos nas têmporas  
A nuvem se perdeu, guarda consigo o sonho  
Mas ainda olha para o céu  
Em busca de outra nuvem  
Para o menino que é

*No limiar da i. Jussã*

Cada nuvem traz um sonho  
Quer uma outra que o leve  
Ao único lugar onde dormia sem medo  
E acordava seguro de que ali era amado.

SIMPLESMENTE MARIA

Maria acorda e levanta cedo  
Deixa a janela entreaberta  
Faz o café  
Aos poucos se desperta  
Pensando em tudo enquanto dobra a coberta

Maria senta no sofá sujo e puído  
Faz sua prece  
Fortalecendo a fé  
No casaco surrado se aquece  
Das agruras da vida por um momento esquece

Maria é mãe solteira  
Que trabalha fora  
Que anda a pé  
Que ajoelha e que chora  
Enquanto sua luta não ameniza ou melhora

Maria incansável guerreira  
Sozinha cria seu rebento  
É forte, é mulher  
Cheia de sentimentos  
Sonha com um amor que lhe traga alento

*No limiar da i-Jusão*

Maria sabe que o mundo  
Só lhe cobra atitude e decência  
Criticando tudo o que ela fizer  
Dando-lhe apenas incoerências  
Nem mesmo isso diminuirá a sua persistência

Maria é feia, Maria é bela  
Mulher, anjo e sensual  
Maria é o que é  
Uma pessoa normal  
Com o peso do mundo nas costas e na moral

Maria tem muitas qualidades  
Mas tem também seus defeitos  
Sabe bem o que quer  
Briga pelos seus sagrados direitos  
Antes de qualquer coisa, Maria quer respeito.



## QUANDO O SILÊNCIO ECOA

Se um dia eu gritar no deserto  
Ou lançar as minhas dúvidas no vazio  
Será que vou ter respostas  
É o estrépito de minhas asas vão ecoar?  
Não quero perder-me em dissertações inócuas  
Tampouco corromper parte de mim  
Em elucubrações sobre a inércia do inútil  
A este subterfúgio não irei me atrelar

Que minha alma não se sinta constrangida  
Tentando obliterar o que vivenciei  
Sou arquétipo do inevitável ou do relativo  
Sou arpão que fere o caule ou o totem  
Tento dissecar as razões do tempo  
Com frases frívolas ou improfícuas  
Que o cinismo deste verbo seja causticante  
Mas que traga palavras que me calem

Do outro lado do aço do espelho  
Esconde-se um mundo encantado  
Onde posso voejar no luzir  
De um fogo que não queima apenas fere  
É volátil o fonema que eu soletro  
O meu erro é crasso é fino escracho  
"Vosmecê" há de entender que sou um leigo  
Perdoe o homem, antes que a causa o vitupere

*No limiar da i-Jusão*

Se eu quebrar o espelho perco o meu mundo  
Se me ponho a gritar estilhaçarei cristais  
Guardarei as dúvidas, aprisionarei o vazio  
Um iconoclasta a ser domado, sou eu  
Minhas asas são versos rimando com lágrimas  
Sou estátua líquida apenas sangue e sal  
O meu ego é só silencio enquanto flutuo  
E o eco do meu signo em luz se converteu.

A OUTRA CARA DA MOEDA

A minha casinha fica no morro da vida real  
Minha janela tem vista para o mundo  
Vejo tudo o que se passa lá embaixo  
Eles sabem que eu sei tudo  
Mas ninguém quer saber o que eu acho

Minha casinha é feita de blocos de sonhos  
Em cima do tempo, quando abro a porta  
Já dou de cara com o vento  
Fica na viela do descaso  
Onde o improvável caminha desatento

Meninos correndo, no labirinto da infância  
Dividindo entre si a falta de tudo  
No olhar de esperança  
O que o destino oferece  
A desventura de ser uma pobre criança

Minha casinha foi erguida no cume da vida  
Onde não tem esquina e a igualdade não vem  
Só a realidade é quem se faz presente  
No olhar de um povo  
Que não tem a quem dizer o que sente.

## HOJE O DESTINO NÃO VEIO

É péssima a sensação  
De ver-se assim sem chão  
Sentir-se tolhido  
Pelas mãos do impossível  
Saber que não foi...  
Não é  
E jamais poderei ter  
Pois o amor tem seu ilogismo  
E o ilogismo tem sua razão de ser

Amar... é certo!  
Não tem contraindicação  
Mas também mata  
Quando tomamos  
Overdose de paixão

O acaso se faz  
No exato íterim  
Em que a minha realidade se esvai

Como pude te perder  
Se você ainda não era minha  
Hoje o destino não veio  
E a malvada circunstância  
Tornou minha sorte mesquinha

O meu sol apagou-se ao meio-dia  
A noite é densa  
A dor é intensa  
Carrego um eclipse no peito  
Pecado que não espia  
Oh minha estrela distante  
Se for cadente um instante  
Venha cair no meu leito

Sonhar contigo  
É o remédio de um homem  
Com o tempo no olhar  
Que morre segundo a segundo  
Enquanto as dores o consomem.

POESIA DA ALMA

Ó alma volúvel e esvoaçante  
Que se delicia nos delírios borbulhantes

Minha alma é parábola solta  
Consumada por um gozo que não volta

Já fostes em mim tão comedida  
Porque agora te fazes tão atrevida?

Onde andas oh minha alma!?  
Fostes sussurrar bom dia à estrela d'alva?

Ó alma que canta embriagada  
As iguarias que provastes estavam levedadas.

UM SORRISO APENAS

O meu sorriso baila forçado  
Rasgando as fantasias desbotadas  
Ultrajando minha frágil alma

Meus lábios tão fatigados  
Canais de falsa gargalhadas  
Um esgar que em um clarão se espalma

Os tentáculos do porvir me fazem cócegas  
Eu sorrio da cara do absurdo  
Mas o riso físico não provém da alma

Um rá, rá, rá, caminha entre frases trôpegas  
Gaitadas explodem no silêncio mudo  
Na lama da tristeza, o meu riso se espalma.

O MAR QUE EU SONHEI

As patas ferozes de um corcel negro  
Cavalgado por uma sensual sereia  
Feriram as rasas águas  
Que deitavam lânguidas na areia

Espalhando sonhos ao vento  
De um menino impetuoso  
Que sentado à beira da vida  
Desfolhava os seus lindos sentimentos

Cada golpe potente era uma ferida  
Profunda, na linha do nada  
Enquanto o mar impassível espumava  
Meus desgostos na noite fria e enluarada

E eu menino ingênuo a sonhar  
Perdido na beleza e imensidade viva  
Da líquida e voraz tenacidade  
Deste eriçado e indômito mar

A eternidade em forma de fênix  
Era o mistério que pairava sobre as águas  
O silêncio que caminhava à meia noite  
Cantava a canção composta pelas mágoas



O luar que despencava do infinito que eu via  
Era o branco e imaculado véu  
Que banhava de claridade os espectros  
E definia as cores da melancolia

E eu menino imprudente  
A molhar os pés no sal dos sonhos  
Com as calças levantadas aos joelhos  
Deixei na alva rastros descalços e tristonhos

E o ginete encantado e noturno  
Em seu dorso a sereia dourada e bela  
Riscaram o céu na velocidade da luz  
E se perderam na abóbada do soturno

Poderia chorar se quisesse, mas eu não quis  
Sonhar que o oceano era minha morada  
Que este cavalo negro seria o meu veleiro  
E a sereia sedutora era minha terna amada.

DIFÍCIL VIDA FÁCIL

Aterrissei minha vida  
No voo de cada sonho  
Metamorfoseando em vida fácil  
Este pesadelo medonho

Sufoco a minha libido  
Entre prantos e ilusões  
Troco carícias por dinheiro  
São frígidas as sensações

Crucifico minhas mágoas  
Quantas vezes forem possíveis  
Maldigo entre parêntesis a sorte  
Com palavras indizíveis

Rasgo o véu do inferno  
Jogo meu ódio por terra  
CUSPO na cara do medo  
Que atormenta quem erra

Sou um corpo sensual  
Com a cabeça na lua  
Gozo somente quando choro  
Embriagada na rua

O meu sorriso é pecado  
Angelical disparate  
Não profanem minha alma  
Pois é uma obra de arte

Sou cobaia do destino  
Amante de orgasmos fingido  
Se o tempo não para aqui  
Não ouvirá meus gemidos

Já usei vestido de noiva  
E me casei na Capela  
Já fui moça de família  
Hoje a vida me atropela.

## AUTORRETRATO POÉTICO

Meus poemas, eu sei, não contém  
Somente palavras cruas e vãs  
Suas fórmulas poéticas e sutil tem  
Lágrimas de sentimentos e razão

Já poetizei a vida, a morte  
E a solidão da ausência  
Com versos glaciais e forte  
Os sinos dobram meus gritos inteiros

Meu pranto é um poema salgado  
Com sabor de ilusão desfeita  
O silêncio pode ser declamado  
Quando o olhar grita de emoção

Meus poemas são férvidos  
De formas doces e veementes  
Jamais fiz versos flácidos ou pérfidos  
Sei que a vida é um poema passageiro!

## ÁGUA E SAL

Lágrimas  
São as mirradas sementes veladas  
Dos sorrisos tristes, que nem chegaram  
A ser plantadas

São gotas de sentimentos  
Quando a emoção se faz presente  
São minhas palavras  
Entrecortadas por soluços  
Quando você está ausente  
São os prantos  
Que uma mãe derrama  
Por um filho delinquente

São as mágoas  
De uma pessoa amargurada  
Que não tem como dizer o que sente  
É o fruto da revolta  
Quando somos humilhados  
E nos sentimos impotentes

Lágrima é o fenômeno  
Que nasce nas vertentes  
Dos meus...  
Dos seus...  
Dos nossos olhos.

## O POETA E A REALIDADE

Sou um revolucionário faminto  
Rebelde sem marca registrada  
Amante da igualdade  
Detesto a corrupção e a violência  
Sou animal raro, quase extinto

Eu e os répteis estamos em comunhão  
Comendo o pão do desespero  
Alimento-me do insosso das palavras  
A mesa está posta, mastigo a crise  
Ainda tenho que digerir meu coração

Na bifurcação do destino, o mormaço fincado  
Uma caveira humana apregoa  
Aqui alguém; morreu de fome, à míngua  
Comendo as reflexões dos jejuns  
Deixou fome e versos esdrúxulos e esfaimado.

OLHAR EM PRETO E BRANCO

O enigma implícito  
Em teu olhar blasé  
Ofusca o meu  
Parco entender  
E eu assim vivo  
A busca incessante  
A confundir-me  
No teu plácido semblante

És só mistério  
Todo o seu insinuar  
Razão oculta  
De sonhos e do meu inquietar  
Perco o equilíbrio  
Ao contemplar seus trejeitos  
O teu sorriso arcano  
É uma frase de efeito.

## AUSÊNCIA

Oh flor dos meus sonhos  
Te imploro em versos  
Não me machuque  
Com este silêncio pesado  
Tão intenso  
Tão tenso  
Para que eu não precise  
Gritar ao mundo o que sinto  
E o que penso

Preciso do seu sorriso  
Da beleza do seu olhar  
Do vermelho dos seus lábios  
De tudo que puder me dar  
Das palavras de alento  
Do carinho assim informal  
Dos beijos que nunca trocamos  
Que um dia seja real

Que venha ao meu encontro  
Estes pés  
Lindos pés  
Que me ofertam poemas e flores  
Somente a tua luz  
Meu anjo  
Dissipará meus temores.



POEMA FEITO DE MÁGOAS

As mágoas do teu ciúme  
São farpas de veludo  
São flores dos laranjais  
Um rasgo de solidez  
Mística razão de ver  
Prenúncios ornamentais

As mágoas da tua dor  
São cortinas de prelúdio  
Um andante iludido  
Acaso um caso sem fim  
Flores, rosas ou carmim  
Vem de um anjo não ungido

As marcas das tuas mágoas  
São mágoas lavadas em sangue  
De tua menstruação  
Puberdade precoce, sutil  
Suas rugas senis  
Estraçalhadas no chão.

SOU BEM ASSIM

Eu... fui mil vezes eu  
Antes de mim era eu  
Eu me imaginei assim  
Me recriei cognoscível  
Me construí inexorável  
Me programei enunciativo  
Sou o tempo fremente  
Sou a vida intermitente  
Sou todo eu  
Até depois de mim... serei eu  
Despido do meu ego

Sabes tu, porque me fiz poesia?  
Não?!?!  
Eu sou o meu porque sem afinal de contas.

PRATO DO DIA

É doce veneno esse seu amor  
Servido em porcelana finíssima  
Decorada com qualquer dissabor

É requintado e mortal  
Tão palatável manjar  
Onde o louco e o normal  
Querem se lambuzar

E lambem os dedos  
Degustando segredos  
Malpassado ou ao ponto  
Com uma pitada de tensão e medo

Vem na bandeja do acaso  
Posta à mesa da incerteza  
É o alimento das almas solitárias  
Tem fome,  
Vem te sacia  
Tem sede  
Uma gota só mitiga  
E depois te vicia

Vai uma decepção de sobremesa?  
Acompanha uma taça  
De vinho tinto sangue  
Destilado, curtido e envasado

Nos corações desavisados  
Que foram traspassados  
Pelo menu deste cupido covarde  
Garçom dos botecos desta vida.

RETRATO 3X4

O que fazer?  
Se as pás do moinho  
Estão girando ao contrário  
Se suas palavras viraram ruas sem saídas  
Se o mundo injusto resolveu agora te punir

O que achar?  
Se a rotina alterou o teu itinerário  
Se ao você chegar alguém já está de partida  
Se o lá longe de outra pessoa  
É bem onde está você

O que dizer?  
Se o tempo fez  
Mudanças em teu cenário  
Se as figuras já não são mais repetidas  
Se você precisa se reconstruir

O que pensar?  
Se apagaram-se várias  
Páginas em teu diário  
Se esse é o retrato três por quatro de tua vida  
Que você vai redesenhar, vai reescrever.

DUPLICIDADE

Mulheres carregam segredos  
Muito bem escondidos  
Tem momentos tão únicos  
Que nos mantêm divididos

A mulher que eu amo  
É suave como a brisa do entardecer  
A mulher que me ama  
É avassaladora como tempestade de verão

A mulher que eu amo  
É serena como um lindo lago  
A mulher que me ama  
É revolta como o mar bravio

A mulher que eu amo  
Tem a alma cristalina como água pura  
A mulher que me ama  
É maliciosa e queima como aguardente

A mulher que eu amo  
É doce e recatada  
A mulher que me ama  
É indecente e tem instinto voraz

A mulher que eu amo  
É um amor de pessoa  
A mulher que me ama  
É uma pessoa que só pensa em fazer amor

A mulher que eu amo  
Se entristece quando me vou  
A mulher que me ama  
Faz uma festa quando chego

A mulher que eu amo  
É silente e nostálgica como o pôr do sol  
A mulher que me ama  
É quente e revigorante igual o sol nascente

A mulher que eu amo  
É córrego, regato é calmaria  
A mulher que me ama  
É corredeira, é precipício, é cachoeira

A mulher que eu amo  
É límpida como o sol do meio dia  
A mulher que me ama  
É misteriosa como um plenilúnio

A mulher que eu amo  
Me acalma é sossego  
A mulher que me ama  
É sensualidade e incêndio em minha alcova

A mulher que eu amo  
É metade de mim  
A mulher que me ama  
Traz a metade que falta

A mulher que eu amo  
É a mesma que me ama  
Uma é o que a razão busca  
A outra é o que o desejo chama

Uma dama em minha sala  
Uma devassa em nossa cama  
É a mulher que eu amo  
E a mulher que me ama.



## O PRIMEIRO AMOR

Doce e inocente é o primeiro amor  
É quando fazemos promessas veemente  
Vemos a pujança do que se sente  
Sentimos a completa beleza da flor  
Não conhecemos ainda os mistérios da dor  
A profundidade do dissabor  
Nem as decepções do desamor

É quando tudo é poesia  
O mundo é colorido  
O vento embala nossos sonhos  
Tristeza, pesadelos medonhos  
Nem sequer para nós existe  
É a descoberta do amor

Inocente e doce é o primeiro amor  
É quando andar de mãos dadas  
E olhar firme nos olhos um do outro  
Nos dá a certeza do amor eterno  
De que se é único nesse coração  
Que quer sair pela boca  
Que bate descompassado  
Que pede perdão e não se faz de rogado  
Que chora por qualquer coisa  
E sente ciúmes de tudo  
E briga com o mundo  
E faz planos absurdos

E se entrega sem reservas  
Se descobrindo para o amor

Inocente é o primeiro amor  
Que só conhece a verdade  
Que busca a tal liberdade  
Que tem a beleza de amar  
Amar como se quis

Doce é o amor  
Que é só meiguice e carinho  
Que segue por seu caminho  
Rumo ao desconhecido  
Sem medo de ser feliz

Inocente, doce e inconsequente  
É o primeiro amor  
Que nos leva a quebrar a cara  
E pedir para voltar para casa  
Com o peito cheio de dor  
E na mochila quase vazia  
A certeza de que na vida  
O que vale a pena mesmo...  
É o verdadeiro amor.

PESCADOR DE SOLIDÃO

Nas turvas e turbulentas águas  
Do rio que corre na palma da minha mão  
Nadam incontáveis e nefastas mágoas  
Em cardumes, oriundas do meu coração

São seres inomináveis e medonhos  
Descendentes da já finada ilusão  
Alimentam-se de amor desfeito e sonhos  
Também roubam o oxigênio da razão

Povoam o lago do ressentimento  
Crescem ao sabor de sentimentos  
Como tristezas, revolta e decepção

Quem acaba esse mal da alma?  
Que desestabiliza e tira a calma  
Só o amor, esse pescador de solidão.

ESCRITA ESPELHADA

Nunca me senti tão só  
Como neste ínterim, frente ao espelho  
Em que meu peito implode  
Numa profusão de sentimentos

Uma tal tristeza efêmera  
Dilui toda minha solidez  
E o meu âmagô se desfaz  
De gota a gota, lágrimas...

A minha ansiedade é tanta  
O meu íntimo inflama-se  
E um êxtase dói mais, que  
Se cravassem em minhas costas uma adaga

Uma voz inaudível que clama  
E se desfaz num átimo  
Da razão ignorada por vezes a fio  
Esvaindo-se em volúpias contidas

Nunca me senti tão sóbrio  
A não ser quando me embriago  
Neste amor platônico e torrencial  
Onde divago atônito e você incólume

Nunca me senti tão eu,  
Quanto agora, fora de mim  
Gritando em silêncio, eu te amo  
Para um espelho impassível...

Mas, minha imagem escreve  
No espelho úmido  
...eu idem...  
Nunca me senti tão único.

CORPO EM POESIA

A sombra cavalga  
O corpo divaga  
Aos pés do acaso

O suor goteja  
A alma arqueja  
Meu corpo exangue

Eufônica tormenta  
Coração se arrebenta  
Numa dor de amor

Na noite aturdida  
Vestígios da vida  
Que brame calada

No fracasso o gosto  
Do asco e do mosto  
Meu corpo é poesia.

UM TEMPO EM MIM

Houve...  
Houve um...  
Houve um tempo...  
Houve um tempo em...  
Houve um tempo em mim!

Houve um tempo em mim  
Em que eu era assim  
Um mistério por inteiro  
Como o destino do vento  
Ou o bramido das ondas  
Assim como um coração  
Que nenhuma mente sonda  
Houve um tempo em mim  
Houve sim!

Houve um calar e um desalento  
Uma réstia de sentimento  
Uma quietude incompleta  
Houve um menino traquino  
Que sonhava ser um rei  
Houve até um desatino  
Um louco a morrer de rir  
Um querer desenfreado  
Houve um beijo desatento  
Houve um tempo em mim

Houve um sonho acordado  
Uma frase de efeito  
Houve um trejeito  
Houve até um consentimento  
E aquilo que eu não quis dizer  
Tornou-se um contentamento  
Houve em mim  
Um tempo qualquer  
Houve sim!

Houve amizades bonitas  
Amores interrompidos  
Houve festas de aniversários  
E muitas mesas de bares  
Houve um porre de alegria  
Quer dizer ironia  
Ou vice-versa, sei lá  
Muitos carnavais e cachaça  
Vinho tinto, champanhe e brindes  
Houve drogas e muito rock  
Muita loucura e orgia

Muito tapinha nas costas  
Muita inveja e hipocrisia  
Houve risos de histeria  
E machismo inoportuno  
Gritos de desabafos  
E vergonhas que nunca esqueço  
Houve um tempo em mim  
Houve sim...houve sim!



Houve um tempo  
Em que fui um senhor  
Pai de família respeitado  
Ou um tremendo irresponsável  
Dissimulado e taciturno  
Atrevido e sisudo  
Falso moralista impagável  
Pregando o que não fazia  
Mas o que fazia eu não digo

Houve um tempo em que eu chorava  
E fazia outros sorrirem  
Mas, tempo houve em que eu sorria  
Fazendo chorar muitos outros  
Houve um tempo em mim...!  
Houve em minha vida  
Uma alma louca  
Que chorava à toa  
Ou quando gozava  
Houve em mim um tempo  
Houve em mim um sonho

Houve uma rua  
Com nome de santo  
Uma face em prantos  
Houve um rosto sujo  
E tantos pecados  
Houve até um rio  
Que passou bem aqui

Na palma da mão  
E no fundo peito

Houve um suspeito  
Que daquela esquina  
Ouvia meus risos  
Meus prantos, meus gozos

Houve em mi um tempo  
De beleza e amores  
De vicissitudes e de dissabores  
Houve tempo de paz  
Houve tempo de dores  
Houve uma missa  
Um altar e um padre  
Uma hóstia, uma aposta

E uma confissão na igreja  
Houve a morte de um ser  
Foi um assassínio, ou um renascer?  
Houve em minha cama  
Muitas... muitas mulheres  
Foram tantas Marias,  
Tantas Rosas, tantas Donas  
Tantas Joanas, Marianas  
E tantas outras e outras...  
Algumas eram loucas  
Outras eram frígidas  
Umás histéricas  
Outras submissas

Houve um bacanal  
Uma embriagues  
Um louco varrido  
De cabeça feita

Houve tudo enfim  
Houve um tempo em mim  
Que não mais virá  
Houve sim.

SIMPLES ASSIM

Entrego-te solenemente, oh bela  
Um buquê de estrelas cadentes  
O Sol emoldurado em um quadro vivo  
A lua presa na cortina, balança em tua janela

Trago-te em caixa de presente real  
O voo mais alto de uma águia  
O segredo dos ventos  
E a sorte a quarar em teu varal

Dou-te estes mimos em embalagens de festas  
O segredo dos cúmplices, e os bons agouros  
Sonhos impossíveis coloridos a lápis de cera  
Ilusões adolescentes, escrita em letras de ouro

Deixo-te este envelope de papel pardo  
Contendo o meu carinho sincero  
A minha ternura com sabor de para sempre  
E o amor incondicional, que no peito guardo

E quando eu voltar à tarde, a te encontrar  
Este último estarás intacto  
Ou por não interessar à tua vaidade  
Ou porque deixastes te encantar

*Franço Dias*

Pelo brilho falso da embalagem furta-cor  
Esquecendo-te que não vives do impossível  
É o que move as pessoas a mover o mundo  
É a simplicidade intensa do que é admissível.

## ARTIGO DE LUXO

O que eu ando buscando muito ultimamente  
E não consigo encontrar  
É algo tão raro nos dias de hoje  
Já revirei bazares, antiquários...  
Tentei procurar em lojas de usados  
E outros locais afins...  
Já estive em todos os lugares possíveis  
E nada...

Sabe o que é?  
Uma amizade verdadeira  
Daquelas que embranqueça  
Junto com nossos cabelos  
Daquelas feitas para gente guardar  
Em uma foto preto e branco

Que traga um abraço amigo  
Repleto de sinceridade  
Com aquele calorzinho  
De: pode confiar em mim  
Aquele, que quando te abraça  
Tu sentes que...!  
Pode abrir o peito  
E derramar a alma sem medo

Daqueles que você desenha e reescreve  
A tua vida inteira a ele numa mesa de bar  
E ele entrega a ti os seus mistérios de vida  
Sem receio da verdade  
Nada de se melindrar ou arranhões no ego  
Mas sem furtar-se a dizer o que pensa  
Porque sabemos que entre amigos  
Verdades e remédios, se dá, na dose certa

Mas os segredos nossos  
Escreveremos nas espumas das cervejas  
Ou na fumaça e no aroma de um cafezinho  
E espumas e fumaças  
Se dissipam rapidamente  
E os segredos se vão com os remorsos

E aí só lembraremos deles  
Se for para chorarmos juntos...!

Mas o calor de um abraço de amigo  
Permanece e aquece mesmo na distancia  
Um abraço sincero  
Um amigo verdadeiro  
São joias tão raras ultimamente  
Que eu estou pensando seriamente  
Em pedir certificado de autenticidade  
De qualquer pretensa amizade  
Que me apareça pela frente.

POESIA ESCRITA NA CARNE

Vens tu a me falar de sentimentos  
Com a clareza de um erudito  
E enquanto fazemos amor  
Declama os versos mais bonito

Pontilhado de erotismo e rima  
Estou de alma nua, corpo despido  
Somente o semblante vestindo  
As promessas cruas que me fizestes  
Você é a paixão que sonhei  
Metamorfoseando minha sina

Projeta-te em mim  
Sob um céu carmim  
Escreve este poema a morrer de amor  
Em minha carne viva  
Pois o chão em que te deitas comigo  
É o meu lençol de cetim

Aplaina meus caminhos tortuosos  
Deixando-me dormir enquanto posso  
Nesta madrugada adormecida  
Tentando traduzir o inconfessável  
Que baila nos versos vossos



*Francisco Dias*

Sei que teus encantos se derramam  
Da mão que segura a caneta  
É notório que a essência do amor de um poeta  
É composta de papel, tinta e letras.

NUMA TARDE... ADEUS!

Restou apenas as lembranças  
Daquele seu olhar lindo

Um suspiro longo de resignação  
Ficou da falta do seu belo sorriso

Do teu beijo bom ficou um pouquinho  
No canto da boca, misturado à saliva

Do seu carinho sobrou um resto de calor  
A falta dos seus dedos em mim

Do teu cheiro sobrou um montão  
No travesseiro e nos lençóis

Do amor que você fazia  
Sinto falta todo dia, toda hora...

E daquela tarde triste ficou a mágoa  
E o retrato do adeus.

SEMELHANÇAS

O  
Amor  
É semelhante  
A uma taça de cristal

Ambos quando se quebram  
Não tem emenda  
Não recuperam mais  
A sua perfeição e beleza

A única diferença  
É que você pode  
Juntar os cacos da taça  
Sem ferir-se

Já no amor  
Quanto mais você tenta  
Juntar os cacos  
Mais você fere alguém.

ALMA CANSADA

Eu só queria poder ser livre  
E não está aqui agora  
Saltar e pousar nas nuvens  
Sair a voar por aí a fora

Queria ter de volta o teu amor  
E caminhar de mãos dadas  
Semear meu sorriso ao vento  
A ecoar no céu azul, na madrugada

Mas hoje sou prisioneiro de mim  
Vendi os meus sonhos, bem ali  
E já sentei à beira da estrada  
Vou esperar a vida passar por aqui

São íngremes os caminhos de volta  
Inóspita e árida é a planície que vejo  
Mas tudo mudaria de cor  
Se provasse novamente seus beijos

A melancolia que me faz companhia  
E a tristeza que na mala estou a carregar  
É um fardo que irei lançar longe  
Quando em teu abraço me deitar.

SE BEM ME QUISER

Eu sou o teu bem querer  
Meu querer bem  
Se bem-me-quer existe  
Para quê mal querer alguém?  
A bem querência é o que de bom  
Na humanidade tem

Sou teu amor  
Oh amor meu  
Se te faço amor  
Te faço bem  
Pois quem planta um malmequer  
Há de colher mais de cem  
Então vem me querer  
Meu bem  
Com todo bem que tem o teu eu.

VIDA EM VERSOS

Tudo em mim  
Fala de nada  
Estou estagnado  
Numa veia sem saída  
O meu sangue é um beco  
A se derramar

Desconheço se a vida  
Pode ser vivida  
Ao ser dividida

Eu sou vida dissolvida  
Nos líquidos acontecimentos  
Incessantes e marcantes  
Ejaculando dívidas estonteantes  
Para com a vida

Após a vida  
O homem é dívida  
De vida em vida.

MAIS QUE PALAVRAS

Minhas palavras singram o espaço  
Como flechas certeiras  
Ou estrelas cadentes  
Verbo cálido é tudo que falo

Minhas palavras são fracassos  
E também êxitos  
Como a de qualquer ser pensante  
Rubro e pálido é tudo o que falo

Minhas palavras ferem como o aço  
De uma faca cortante  
Rasgam corações, e ferem almas  
É por isso que as vezes calo

Minhas palavras dizem o que faço  
Numa sociedade degradante  
Sou precipício aberto, sou pranto fértil  
Todo o meu falar é fôlego, e causa abalo

Minhas palavras são códigos e embaraços  
Taças amargas, doces iguarias  
Minhas palavras são o silêncio  
Somente o indispensável, ao mundo eu falo.

UM ROSTO NA JANELA DO TEMPO

Estilhaços de uma imagem  
Um rosto que não é bem meu  
Um espelho que me deu  
Lembranças refletidas na aragem

Me perdi na fímbria da miragem  
Meu rosto é um cartão postal  
Refletido de forma natural  
Um adorno sombrio na remota paisagem

Feições perdidas nos varais  
Desvanecem-se em rugas verídicas  
Veredas onde caminham horas fatídicas  
Acariciando a face com tempestades lacrimais

Tempo, este predador tão voraz  
Fez-me teu prisioneiro perpétuo  
Dou-te as minhas volta-faces com afeto  
A vaidade e o espelho são inimigos mortais



ALMA DE CRISTAL

Meus versos são feitos de lágrimas  
Escritos na cristalina flor da água  
Flamejante espírito banhado em mágoas  
Com a ideologia da solicitude magna

Meus versos são feitos de afagos  
Essência cálida da lágrima cadente  
Menino puro, ingênuo e carente  
Meus olhos vagueiam por caminhos vagos

Doridos são os versos de clamores esparsos  
Desalentando o odor dessa dor tão fina  
Lacrimando a surdez obscura dos passos

Cristaliza minha alma os versos que faço  
Enxugando o pranto da solidão menina  
Contrariando a tristeza em letal mormaço.

BILHETE DE PASSAGEM

Se eu parti  
Rumo a lugar nenhum  
Não partas tu  
O meu coração  
Com olhos marejados  
E soluços

Meu peito chorará  
Uma torrente  
De lágrimas invisíveis  
Nós beberemos enternecidos  
Desta fonte piegas e lúgubre

Você cantará  
A canção da ausência  
Enquanto o vento não canta  
O meu regresso  
Que tu chores  
Um pranto doce  
Se eu tiver partido só  
Em busca de mim.

## ILUSÃO DE ÓTICA

O tempo não para  
Mas paira nos raios solares  
Que brilha nas rugas senil  
De um ancião verossímil  
Que corre com passos  
Tão quedos  
Como se tivesse medo  
De ferir o vento  
Que arremete contra  
Os pés que apontam  
O caminho a seguir

A seguir a esquina  
Que não fala e opina  
Cilada... Calada  
Que não guarda segredos  
Que delata e espia  
Que lhe faz companhia

Como é falsa essa esquina  
Que seduz a menina  
E o jovem drogado  
Lhes dizendo  
O tempo!?  
Ah... aqui esse tal não passa!

A seguir...  
Uma reticencia enfim  
Como ponto final  
Numa poesia sem fim.

## A CHUVA

O céu tingiu-se de escuro  
Lá para as bandas do nascer do sol  
O vento sacudindo as arvores  
Levando para longe as folhas  
A nuvens de tão espessas e baixas  
Me pareciam tocáveis

Vai ser chuva  
De cavalo beber em pé  
Diz um qualquer

É uma tempestade de lascar  
Se põe outro a falar

A mãe sai na porta  
Uma mão na saia outra nos cabelos

E grita em tom de censura  
Passa “pra” dentro moleque!  
Não “tá” vendo que vai chover?  
E o menino feliz com a chuva  
Nem aí para seus apelos  
Está é aproveitando  
A brisa que vem aos novelos

Chuva na telha  
Chuva na palha

Para alguns é bênçãos de Deus  
Para outros atrapalha

Chuvisco fresco  
Molha os sonhos e as crianças  
Faz de caminhos regatos  
Faz de regatos lembranças

Chuva forte muito me assusta!  
Contém espinhos suas gotas robustas?  
Que pinica e arde  
Que bate na pele e machuca  
Chuva fina  
Suave menina  
Que lava a palidez da tarde

Chuva que cai  
Na relva, na flor  
Na grama, no sono  
E goteja em cima da cama

Chove chuva, “pra” nascer capim  
“Pra” boi comer...  
Numa fábula mágica, já dizia o sabiá  
Ao ouvir trovejar

Cai a chuva na telha  
Minha mãe vem cantar  
Cai a chuva na palha  
Uma canção de ninar

Cai a chuva em meu ser  
Faz minha alma chorar

A chuva caindo em mim  
Molha e rega meu riso  
Enxagua meus desgostos  
Em cada pingo eu sinto  
A mão de Deus  
Acariciando meu rosto

Chuva que cai, na menina que vai  
De corpo molhado, correndo e sorrindo  
Dizendo que frio! E eu digo: que lindo!

Anoiteço chovendo, adormeço chovendo  
Amanheço ouvindo  
No riso claro da manhã  
Os saltos dos pingos, efêmeros e brincalhões  
Que fazem do meu telhado  
Corredeiras e tobogãs

A chuva de ontem deixou  
O terreiro lavado  
A rua lavada, a alma lavada  
Na chuva tem gotas de amor.

SOLITUDE

Quando sozinho estou  
Brinco de ser poeta  
E minha alma se encanta  
Com as palavras tantas  
Que posso criar ou dizer  
Más logo me chega o dia  
O sol  
A chuva  
A alegria  
E a família toda  
E a inspiração escoa  
Poeta não é pássaro que voa em bando  
Estando sozinho é quando  
Ele se põe a inspirar.



ERA UMA VEZ

Era uma vez, uma era  
Onde uma vez apenas  
Era necessário para se saber  
Que fruta de vez  
Não amadureceu ainda

Que palavras ferem mais que lâminas  
Que tanto maltratam quanto ensinam

Era uma vez uma verdade  
Eram duas vezes, mentiras  
Eram três as razões da fé

Um era o raio  
Que partiu em dois o punhal  
Que tripartiu um coração qualquer

Uma palavra afaga  
Duas agitam  
Três julgam ou assassinam

Era uma vez uma gravidez  
Duas pessoas que viraram três

Três é o sagrado  
Dois se amam  
Um é sozinho, é solidão

Um homem tem um sonho  
Dois arquitetam  
Três realizam

Era uma vez  
Quando era a vez  
De ver o que era  
Eu vi que não era  
O que eu quisera.

MEU SILÊNCIO

Quando me calo  
É que dentro de mim tem um furacão  
Retorcendo as decepções do dia a dia

Quando eu falo  
Minhas palavras são sentenças de fogo  
Riscando o céu da hipocrisia

Quando me fecho  
É que dentro de mim tem uma luta  
Aberta, franca e sem covardia

Quando me abro  
O que digo é sossego ou incêndio  
A ferir o que fingia.

## DOCE LIBERDADE

A beleza da liberdade  
Está em poder escolher a quem prender-se  
Está na desintegração das correntes  
Que prendem as nossas mentes  
É sonhar o abstrato e voar alto  
Nas asas de Ícaro  
É tornar concreto esta vívida vida  
Intensamente sofrida  
Abolida e dissolvida  
Nas marcas deixadas em meu dorso  
Pelo tempo, este implacável feitor

A liberdade é esta moça pura e casta  
Sempre a flertar com o contrassenso  
Desculpe-me senhor  
Mas é assim que eu penso

Pois se o homem é preso  
Liberto está de respeitar qualquer direito  
Já que todos os seus foram subtraídos  
E quem não tem direito  
Não comunga de deveres  
Apenas digere imposições

Mas se o homem é livre  
Preso estará sempre às convenções  
Quem tem direitos

Tem deveres multiplicados  
Que congestionam seu caminho  
Com regras e leis aos borbotões

Deus me livre  
De uma liberdade estúpida  
Que radicalize  
Que anarquize  
Que oprima e mate  
Este disparate  
Muito me assusta

Somos essencialmente antagônicos  
E ideologicamente libertos  
Pois só nos sentimos livres  
Atrás das grades  
Das nossas portas e janelas

É tão diáfana e tênue esta liberdade pregada  
Chega a ser palpável quando falada  
Mas, quando vivenciada é volátil e ilusória  
Posso até gritar ao mundo  
Sou um homem livre  
Posso compor idílios  
Declamar aos berros a liberdade  
Mas no meu íntimo sei que é irrisória

Sou escravo do meu ego  
Dos meus medos e incertezas  
Sonho liberdade  
Choro libertação  
Nos calabouços de minha alma

A dor que queima meu rosto  
É o fogo que forja este elo  
Entre o ser livre que habita  
E o ser ilha que eu habito  
Porque sou ilha humana  
Sou liberdade, mas, sou ínsula  
E em mim descubro abismado  
Que liberdade é uma porção de direito  
Cercada de deveres por todos os lados.



Francyo Dias nasceu em 25/12/1967 na cidade de ARARI – MA. Desde muito cedo demonstrou a sua paixão pela leitura, e aos 12 anos já fazia paródias, escrevia poesias e começou a compor, chegando através de suas

composições a participar ativamente do carnaval arariense como compositor e interprete de sambas de enredos. Em 2016 publicou os livros POEMAS DE EFEITO SENSUAL e VERSOS AO OCASO.

FALE COM O AUTOR

[francyodiasinversos@gmail.com](mailto:francyodiasinversos@gmail.com)

OU VISITE AS SUAS PÁGINAS

[www.facebook.com/francyodiasinversos](http://www.facebook.com/francyodiasinversos)

E

[www.facebook.com/desejardente](http://www.facebook.com/desejardente)



TRISTEZA?  
PASSOU LONGE DISSO  
AQUI SE VÊ. DÁ ATÉ PARA SENTIR  
TODO DELÍRIO EM POESIA  
DE UM TORMENTOSO CORAÇÃO APAIXONADO  
PELAS PALAVRAS. PELA BELEZA DA VIDA  
CUTUCANDO OS SONHOS ...  
BUSCANDO AS ASAS DO AMOR  
A VIR EM RETORNO  
A SE DELICIA. DESTE MANJAR!  
BELEZA DE SENTIMENTOS.  
BELEZA DE BUSCA. BELEZA DE DOAÇÃO  
BELEZA QUE A TRISTEZA DESCONHECE  
HAJA AMOR LINDO. DELICIOSO BALSAMO  
EM VERSOS QUE BAILAM  
NO LIMIAR DA ILUSÃO

PRELUDIO ARAZATI